

**EKA
KURNIAWAN
A BELEZA
É UMA
FERIDA**

TRADUÇÃO DE
CLÓVIS MARQUES

1ª EDIÇÃO **JO** JOSÉ
OLYMPIO

1

Numa tarde de fim de semana em março, Dewi Ayu levantou-se do túmulo onde estava enterrada havia 21 anos. Um menino pastor, acordando de uma soneca debaixo de uma pluméria, fez xixi nas calças e gritou, e suas quatro ovelhas saíram correndo feito loucas entre pedras e estelas de madeira, como se um tigre tivesse pulado no meio delas. Tudo começou com um ruído vindo de uma velha sepultura, de lápide sem inscrição e coberta de mata até a altura dos joelhos, mas todo mundo sabia que era o túmulo de Dewi Ayu. Ela morrera aos 52 anos, ressurgiu depois de morta durante 21 anos, e a partir de então ninguém mais soube como calcular exatamente sua idade.

A vizinhança veio ver o túmulo quando o pastor contou o que estava acontecendo. Levantando a barra dos sarongues, carregando crianças, segurando vassouras ou sujos da lama do campo, juntaram-se por trás de cerejeiras e jatrofas, e na plantação de bananeiras próxima. Ninguém tinha coragem de se aproximar, todos apenas ouviam o ruído proveniente do velho túmulo, como se estivessem reunidos em torno do vendedor ambulante de remédios que apregoava seus produtos nas manhãs de segunda-feira no mercado. A multidão apreciava aquele espetáculo temível, sem pensar que semelhante horror teria apavorado qualquer um que estivesse sozinho ali. Esperavam inclusive algum milagre, e não apenas uma velha sepultura barulhenta,

pois a mulher que se encontrava naquele pedaço de terra fora uma prostituta para os japoneses durante a guerra, e os *kyai* sempre disseram que as pessoas marcadas pelo pecado eram invariavelmente punidas no sepulcro. Aquele som devia vir do chicote de um anjo encarregado da punição, mas eles começaram a ficar entediados, esperando alguma outra maravilha.

Quando ela se deu, foi da maneira mais fantástica. O túmulo estremeceu e se quebrou, e a terra explodiu, como se um estouro tivesse ocorrido por baixo, provocando um pequeno terremoto e uma tempestade de vento que lançou grama e predações de lápide pelos ares, e por trás da sujeira que chovia como uma cortina a figura de uma velha olhava em rígida irritação, ainda envolta numa mortalha, como se tivesse sido enterrada na noite da véspera. As pessoas ficaram histéricas e saíram correndo de maneira ainda mais caótica do que as ovelhas, seus gritos sincronizados ecoando nas encostas das colinas distantes. Uma mulher atirou seu bebê numa moita e o pai o cobriu com uma folha de bananeira. Dois homens pularam num canal, outros caíram inconscientes à margem da estrada, e outros ainda correram por 15 quilômetros sem parar.

Vendo tudo isto, Dewi Ayu limitou-se a tossir um pouco e limpou a garganta, fascinada por se ver no meio de um cemitério. Já tinha desatado os dois nós mais altos da mortalha, e passou a desatar os dois inferiores, para liberar os pés e poder caminhar. Seu cabelo tinha crescido magicamente, de modo que, ao sacudir a cabeça para soltá-lo da touca de morim, ele esvoaçou à brisa da tarde, tocando o solo e reluzindo como líquen negro no leito de um rio. Sua pele estava enrugada, mas o rosto era de um branco resplandecente, e os olhos ganharam vida nas órbitas para fixar os curiosos que abandonavam os esconderijos por trás das moitas — metade saiu correndo, e a outra metade desmaiou. Sem se dirigir a ninguém em particular, ela se queixou da maldade das pessoas que a haviam enterrado viva.

A primeira coisa em que pensou foi seu bebê, que naturalmente já não era um bebê. Vinte e um anos antes, ela morrera 12 dias depois

de dar à luz uma menina horrível, tão feia que a parteira não estava segura de que realmente fosse um bebê, achando que talvez fosse um monte de merda, já que os buracos de onde saem os bebês e a merda ficam a apenas dois centímetros de distância. Mas aquele bebê se contorcia, e sorria, e por fim a parteira acreditou que realmente era um ser humano e não bosta, dizendo à mãe, atravessada em total fraqueza na cama, aparentemente sem o menor desejo de ver seu rebento, que a criança nascera, era saudável e parecia amável.

— Uma menina, certo? — perguntou Dewi Ayu.

— Sim — respondeu a parteira —, exatamente como os três bebês anteriores.

— Quatro filhas, todas lindas — fez Dewi Ayu, em total contrariedade. — Vou acabar abrindo meu próprio puteiro. E, então, esta agora também é bonita?

O bebê apertado dentro dos cueiros começou a se agitar e chorar nos braços da parteira. Uma mulher entrava e saía do quarto, levando as roupas sujas de sangue, livrando-se da placenta, e por um momento a parteira não respondeu, pois não havia a menor hipótese de dizer que um bebê que parecia um monte de bosta preta era bonito. Tentando ignorar a pergunta, disse então:

— Você já está velha, não creio que possa amamentar.

— É verdade. Essas três filhas anteriores me consumiram.

— Assim como as centenas de homens.

— Cento e setenta e dois homens. O mais velho tinha 90 anos, o mais moço, 12, uma semana depois da circuncisão. Lembro-me muito bem de todos eles.

O bebê voltou a chorar. A parteira disse que precisava encontrar leite materno para a criança. Caso contrário, teria de buscar leite de vaca, ou de cadela, ou talvez até de rato. Sim, vá, disse Dewi Ayu.

— Pobre menina sem sorte — disse a parteira, contemplando o perturbador rostinho. Ela nem seria capaz de descrevê-la, mas achava que parecia um monstro amaldiçoado do inferno. Todo o seu corpo era de um preto azeviche, como se tivesse sido queimada viva, com uma forma estranha e irreconhecível. Por exemplo, ela não estava

certa de que o nariz do bebê fosse de fato um nariz, mais parecia uma tomada elétrica do que qualquer nariz que tivesse visto em toda a sua vida. A boca lembrava a fenda de um cofrinho de porquinho, e as orelhas mais pareciam cabos de panela. Estava absolutamente certa de que não havia na face da Terra criatura mais medonha do que aquela pobre coitadinha, e se ela fosse Deus provavelmente mataria o bebê imediatamente; aquela menina seria maltratada pelo mundo, sem dó nem piedade.

— Pobre bebê — repetiu a parteira, saindo em busca de alguém que cuidasse dele.

— Sim, pobre bebê — concordou Dewi Ayu, mexendo-se e revirando-se na cama. — Já fiz o possível para tentar matá-la. Devia ter engolido uma granada para detoná-la na barriga. Oh, minha pobre coitadinha — os pobres coitados, como os malfeitores, não morrem tão fácil.

Inicialmente, a parteira tentou esconder o rosto do bebê das vizinhas que chegavam. Mas, quando disse que precisava de leite para ele, elas começaram a se acotovelar para vê-lo, pois era sempre uma diversão para quem conhecia Dewi Ayu ver suas adoráveis recém-nascidas. A parteira não conseguiu impedir a investida das mulheres que afastavam a manta ocultando o rosto do bebê, mas, uma vez que o tinham visto, gritando de horror, um horror sem equivalente em sua experiência anterior, a parteira sorriu e lembrou que fizera o possível para que não vissem o infernal semblante.

Depois da manifestação de repulsa, no momento em que a parteira saía às pressas, elas simplesmente ficaram de pé ali por um momento, com expressão de idiotas cuja memória tivesse sido repentinamente apagada.

— Devia ser morta — disse uma mulher, a primeira que superou a súbita amnésia.

— Já tentei — disse Dewi Ayu ao aparecer, vestindo apenas um vestido caseiro amarrotado e um lenço amarrado na cintura. Sua cabeleira parecia indicar que tinha acabado de sair de uma tourada.

Olhares de piedade voltaram-se para ela.

— Ela não é uma gracinha? — perguntou Dewi Ayu.

— Puxa, se é!

— Não há maior maldição do que dar à luz fêmeas bonitas, num mundo de homens perversos como cães no cio.

Ninguém dizia uma palavra, limitavam-se a olhar para ela com simpatia, sabendo que estavam mentindo. Rosinah, a menina muda da montanha que havia anos servia a Dewi Ayu, conduziu as mulheres ao banheiro, onde havia enchido a banheira de água quente. Lá, Dewi Ayu lavou-se com um perfumado sabonete sulfúrico, ajudada pela menina muda, que massageou seu cabelo com óleo de babosa. A mudinha parecia a única indiferente àquilo, embora certamente tudo soubesse da abominável menininha, pois ninguém mais acompanhara o trabalho da parteira. Esfregou as costas da patroa com uma pedra-pomes, envolveu-a numa toalha e arrumou o banheiro enquanto Dewi Ayu se retirava.

Querendo aliviar um pouco o clima pesado, alguém disse a Dewi Ayu:

— Você precisa dar-lhe um belo nome.

— Sim — respondeu Dewi Ayu. — O nome dela é Beleza.

— Oh! — exclamaram todas, tentando embaraçosamente dissuadi-la.

— E que tal Machucado?

— Ou Ferida?

— Pelo amor de Deus, não podem dar-lhe um nome assim!

— Tudo bem; então, seu nome é Beleza.

Ficaram ali paradas, sem saber o que fazer, enquanto Dewi Ayu voltava ao quarto para se vestir. Só podiam se entreolhar, imaginando com tristeza uma menina cor de fuligem com uma tomada elétrica no meio do rosto e sendo chamada de Beleza. Era indecoroso, um escândalo.

Mas Dewi Ayu de fato tinha tentado matar o bebê quando se deu conta de que, tivesse ou não vivido já meio século, estava grávida de novo. Como no caso das outras filhas, ela não sabia quem era o pai, mas, desta vez, diferentemente, não tinha a menor vontade de que o bebê sobrevivesse. Tomara então cinco pílulas extrafortes de paracetamol

conseguidas com um médico da aldeia, empurrando-as com meio litro de refrigerante, o que quase chegou a causar a própria morte, mas não bastou, no fim das contas, para matar aquele bebê. Tentou imaginar outra maneira, e chamou uma parteira disposta a matar o bebê e tirá-lo do seu útero enfiando uma vareta de madeira na barriga. Ela sangrou muito durante dois dias e duas noites, e o bastãozinho de madeira saiu em pequenas lascas, mas o bebê continuou crescendo. Ela experimentou seis outras maneiras de se livrar daquela criança, mas em vão, e afinal desistiu, lamentando-se:

— Essa daí é realmente uma brigona, e está na cara que vai acabar derrotando a mãe.

Ela então deixou a barriga crescer e crescer, fez aos sete meses o ritual do *selamatan* e deixou a criança nascer, embora se recusasse a olhar para ela. Já trouxera ao mundo três meninas, todas elas deslumbrantes, praticamente trigêmeas, nascidas uma após a outra. Esse tipo de bebê era para ela um tédio, pareciam-lhe manequins numa vitrine, e assim ela não quis ver a nova recém-nascida, certa de que não seria diferente das irmãs mais velhas. Claro que estava errada, e ainda não sabia o quanto seu novo rebento era repulsivo. Mesmo quando as vizinhas sussurravam entre elas que o bebê parecia resultado de um cruzamento de macaco com sapo e lagarto-monitor, ela não achou que estivessem falando do seu bebê. E, quando comentaram que na noite anterior cães selvagens tinham uivado na floresta e corujas apareceram nas árvores, ela nem de longe imaginou que fossem maus presságios.

Depois de se vestir, ela voltou para a cama, dando-se conta repentinamente de como a coisa toda fora exaustiva — trazer ao mundo quatro bebês e viver mais do que meio século. E então lhe veio a deprimente ideia de que, se o bebê não quisera morrer, talvez coubesse à mãe ir-se deste mundo, para não ter de vê-la crescer e tornar-se uma mulher. Levantou-se e foi cambaleando até a porta, observando as vizinhas ainda agrupadas e fofocando sobre a recém-nascida. Rosinah saiu do banheiro e postou-se a seu lado, percebendo que a patroa estava prestes a lhe dar uma ordem.

— Vá comprar uma mortalha — disse Dewi Ayu. — Já dei quatro meninas a este maldito mundo. Chegou a hora de sair o meu cortejo fúnebre.

As mulheres começaram a gritar, olhando boquiabertas para Dewi Ayu com suas expressões idiotas. Trazer ao mundo um bebê pavoroso como aquele já era um horror, mas abandoná-lo simplesmente assim era ainda mais ultrajante. Mas elas não o disseram diretamente, apenas tentaram dissuadi-la de morrer de maneira tão tola, comentando que certas pessoas viviam mais de 100 anos, e Dewi Ayu ainda era muito moça para morrer.

— Se viver 100 anos — disse ela, calmamente —, terei 8 filhos. É demais.

Rosinah saiu e comprou para Dewi Ayu um pano de morim muito branco, com o que ela imediatamente se cobriu — embora não fosse o suficiente para fazê-la morrer imediatamente. E assim, enquanto a parteira percorria o bairro em busca de uma lactante (o que, no entanto, foi em vão, acabando ela por dar ao bebê água usada para lavar arroz), Dewi Ayu estendeu-se na cama calmamente envolta em sua mortalha, esperando com estranha paciência que um anjo da morte viesse para levá-la.

Quando passou a fase da água de arroz e Rosinah já alimentava a recém-nascida com leite de vaca (vendido na loja como “Leite da Ursa”), Dewi Ayu continuava na cama, não permitindo que ninguém entrasse no quarto com o bebê chamado Beleza. Mas a história do bebê pavoroso e sua mãe envolta em mortalha rapidamente se espalhou como uma praga, atraindo gente não só da vizinhança como das aldeias mais distantes da região, que queriam ver o que se comentava ser como o nascimento de um profeta, havendo quem comparasse os uivos dos cães selvagens à estrela vista pelos Magos quando Jesus nasceu, e a mãe envolta em sua mortalha, a Maria exaurida e sem forças — metáfora das mais absurdas.

Com a expressão horrorizada de uma menina afagando um filhote de tigre no zoológico, os visitantes posavam com o medonho bebê para um fotógrafo itinerante. Isto depois de fazer o mesmo com

Dewi Ayu, ainda e sempre estendida em sua misteriosa tranquilidade, nem de longe perturbada pelo implacável clamor. Pessoas com doenças graves e incuráveis chegavam na esperança de tocar o bebê, o que Rosinah logo tratou de proibir, temendo que a criança fosse infectada, mas em compensação ela preparou baldes da água de banho de Beleza. Outros vinham na expectativa de alcançar a sorte na mesa de apostas ou de uma súbita inspiração sobre como conseguir lucro nos negócios. Por tudo isto, Rosinah, a muda, rapidamente entrou em ação como tutora do bebê, preparando caixas para doações, que logo se encheram de cédulas de rúpias. Sabiamente prevendo a possibilidade de que Dewi Ayu de fato acabasse morrendo, a moça aproveitou a oportunidade tão rara para amealhar algum dinheiro, para não ter de se preocupar com o Leite da Ursa e o futuro de ambas sozinhas na casa, visto que as três irmãs mais velhas de Beleza certamente jamais apareceriam por ali.

Mas o tumulto logo chegou ao fim quando apareceu a polícia, acompanhada de um *kyai* que considerava tudo aquilo uma heresia. O *kyai* fumegava de indignação, ordenando a Dewi Ayu que pusesse fim àquele comportamento indecoroso, e exigindo que removesse a mortalha.

— Está pedindo a uma prostituta que tire a roupa — retrucou Dewi Ayu, desafiadora —, é melhor ter dinheiro para me pagar.

O *kyai* começou a rogar misericórdia aos céus e se escafedeu para nunca mais voltar.

Mais uma vez restou apenas Rosinah, que nunca se perturbava com a loucura de Dewi Ayu, não importando a forma que assumisse, e ficou mais evidente que a mocinha era a única que realmente entendia aquela mulher. Muito antes de tentar matar o bebê no próprio ventre, Dewi Ayu dissera que estava farta de ter filhos, de modo que Rosinah sabia que estava grávida. Se Dewi Ayu dissesse uma coisa daquelas às mulheres da vizinhança, cujo gosto pela fofoca era mais forte do que o instinto dos cães que uivam, elas teriam sorrido com desprezo e dito que era tudo garganta — pare de dar por aí e não precisará se preocupar com gravidez, teriam dito. Mas aqui entre nós:

com outra prostituta isto poderia colar, mas não com Dewi Ayu. Ela jamais encarara as três (e agora quatro) filhas como uma maldição da prostituição, e, se as meninas não tinham pais, dizia, era porque real e, verdadeiramente não precisavam ter pais, e não porque não sabiam quem eram seus pais, e certamente não foi porque ela jamais tivesse se postado ao lado de um homem diante do juiz de paz. Ela acreditava que eram filhas de demônios.

— Pois Satã gosta tanto de dar umazinha quanto Deus ou os deuses — dizia. — Assim como Maria deu à luz o Filho de Deus e as duas esposas de Pandu trouxeram ao mundo seus pequenos deuses, o meu útero é um lugar onde os demônios depositam suas sementes, e assim nascem pequenos demônios de mim. E já estou farta disto, Rosinah.

Como costumava acontecer, Rosinah limitou-se a sorrir. Ela não podia falar, apenas murmurar coisas incoerentes, mas podia sorrir, e gostava de sorrir. Dewi Ayu gostava muito dela, especialmente por causa desse sorriso. Chamara-a certa vez de filhote de elefante, pois, por mais zangados que fiquem, os elefantes sempre sorriem, exatamente como os que vemos no circo que chega à cidade no fim de quase todo ano. Com sua linguagem de sinais, que não podia ser aprendida numa escola para mudos, tendo de ser ensinada diretamente por ela própria, Rosinah disse a Dewi Ayu que não devia ficar aborrecida — ela nem sequer tinha vinte filhos, ao passo que Gandari trouxe ao mundo *cem* filhos de Kurawa. Dewi Ayu riu com gosto. Ela adorava o senso de humor infantil de Rosinah, e ainda estava rindo ao retrucar que Gandari não dera à luz *cem* filhos separadamente, apenas botou no mundo um enorme pedaço de carne que se transformou em *cem* crianças.

Era assim que Rosinah trabalhava, sempre alegre, nem de longe incomodada. Cuidava do bebê, ia para a cozinha duas vezes por dia, e toda manhã lavava a roupa, enquanto Dewi Ayu ficava deitada quase sem se mover, mais parecendo um cadáver à espera de que acabassem de cavar sua sepultura. Claro que sentia fome, levantava-se para comer e ia ao banheiro toda manhã e à tarde. Mas sempre

voltava e de novo se envolvia em sua mortalha para se deitar com o corpo ereto e rígido, as mãos sobre a barriga, os olhos fechados e os lábios curvados num leve sorriso. Certos vizinhos tentavam espiá-la pela janela aberta. Rosinah não se cansava de espantá-los, mas nunca conseguia, e as pessoas perguntavam por que ela simplesmente não se matava. Contendo seu habitual sarcasmo, Dewi Ayu mantinha-se calada e completamente imóvel.

A tão esperada morte finalmente chegou na tarde do décimo segundo dia após o nascimento da horrível Beleza, ou, pelo menos, foi o que todo mundo achou. A indicação de que a morte se aproximava surgiu naquela manhã, quando Dewi Ayu disse a Rosinah que não queria seu nome na lápide; preferia um epitáfio apenas com a frase: “Eu trouxe ao mundo quatro filhas e morri.” Rosinah ouvia muito bem, sabia ler e escrever, de modo que anotou a mensagem que, no entanto, foi imediatamente rejeitada pelo imame encarregado da cerimônia fúnebre na mesquita, pois considerou que uma solicitação tão absurda tornava a situação ainda mais pecaminosa, e decidiu afinal que nada seria inscrito na laje tumular da mulher.

Dewi Ayu foi encontrada à tarde por uma das vizinhas que espiavam pela janela, naquele tipo de sono tranquilo que só se vê nos últimos dias de uma pessoa. Mas havia algo mais: um forte cheiro de bórax no ar. Comprado por Rosinah na padaria, a própria Dewi Ayu espalhara pelo corpo o conservante de cadáveres que outras pessoas às vezes misturavam nas almôndegas *mie bakso*. Rosinah deixava a mulher fazer o que bem quisesse em sua obsessão com a morte, e se recebesse ordem de cavar uma sepultura e enterrar Dewi Ayu viva não teria hesitado, botando tudo na conta do inigualável senso de humor da patroa, mas não era bem assim com as bisbilhoteiras ignorantes. A mulher pulou para dentro pela janela, convencida de que Dewi Ayu fora longe demais.

— Escuta aqui, sua puta que dormiu com todos os nossos homens! — foi dizendo, vingativa. — Se quiser morrer, morra, mas não se preocupe em conservar seu corpo, pois é só o seu cadáver podre que ninguém vai invejar.

Ela deu um empurrão em Dewi Ayu, mas o corpo apenas rolou, sem ser desperto.

Rosinah apareceu e sinalizou que ela devia estar morta.

— Esta puta está morta?

Rosinah assentiu.

— Morta?!

Foi então que a mulher lamurienta revelou seu verdadeiro caráter, chorando como se a própria mãe tivesse falecido e dizendo entre ruidosos soluços:

— O dia 8 de janeiro do ano passado foi o mais belo dia para a nossa família. Foi o dia em que o meu homem achou dinheiro debaixo da ponte e foi para o puteiro de Mama Kalong e dormiu exatamente com esta prostituta que agora está morta diante de mim. Depois ele voltou para casa e foi o único dia em que se mostrou gentil com a família. Nem sequer bateu em nenhum de nós.

Rosinah olhou para ela com desprezo, dando a entender que não era de espantar que alguém quisesse bater numa resmungona assim, e tratou de se livrar da chata dizendo que fosse espalhar a notícia da morte de Dewi Ayu. Não havia necessidade de mortalha, pois ela própria a havia comprado 12 dias antes; nem era preciso banhá-la, pois já se havia banhado; cuidara inclusive de conservar o próprio corpo.

— Se pudesse — disse Rosinah através de sinais ao imame da mesquita mais próxima —, ela própria teria recitado as orações.

Olhando com raiva para a jovem muda, o imame declarou que não se sentia inclinado a recitar orações para aquele cadáver de prostituta, nem mesmo a enterrá-lo.

— Como ela está morta — prosseguiu Rosinah (sempre com a linguagem dos sinais), — não é mais uma prostituta.

Kyai Jahro, o imame dessa mesquita, acabou desistindo e se encarregou do funeral de Dewi Ayu.

Até morrer, o que poucos acreditavam acontecesse tão rápido, ela de fato nunca vira o bebê. As pessoas diziam que ela realmente tinha muita sorte, pois qualquer mãe sentiria uma tristeza inimaginável vendo seu bebê nascer tão horroroso. Sua morte não seria tranquila, e

ela jamais conseguiria descansar em paz. Só Rosinah não tinha tanta certeza de que Dewi Ayu ficaria triste ao ver o bebê, pois sabia que essa mulher detestava mais do que tudo uma bebezinha bonitinha. Ela ficaria exultante se soubesse que a mais nova era completamente diferente das irmãs mais velhas; mas não chegou a saber. Como a mocinha muda era totalmente obediente à patroa, nos dias que antecederam sua morte, não a forçou a acolher o bebê, muito embora, se o tivesse visto, Dewi Ayu talvez adiasse a própria morte, pelo menos por um par de anos.

— Tolice, a hora da morte depende de Deus — disse Kyai Jahro.

— Ela determinou que morreria em 12 dias, e morreu — disseram os gestos de Rosinah, que herdara a teimosia da patroa.

De acordo com a vontade da falecida, Rosinah agora tornava-se a guardiã do infeliz bebê. E foi ela então quem cuidou da inútil missão de enviar telegramas às três filhas de Dewi Ayu, informando da morte da mãe e que ela seria enterrada no cemitério público de Budi Dharma. Nenhuma delas apareceu, mas o enterro realizou-se no dia seguinte em meio a comemorações que não se viam na cidade há muitos anos, nem voltariam a ser vistas por muitos mais. Isto porque quase todos os homens que tinham dormido com a prostituta despediram-se dela beijando ternamente buquês de jasmim que em seguida jogavam na rua à medida que seu caixão ia passando. E as esposas e amantes também se acotovelavam por trás deles ao longo da rua, com insistentes olhares de ciúmes, pois sabiam que aqueles homens cheios de tesão continuariam brigando entre eles pela oportunidade de dormir novamente com Dewi Ayu, sem se importar com o fato de que já não passava de um cadáver.

Rosinah caminhava atrás do caixão, carregado por quatro homens do bairro. O bebê dormia profundamente em seu colo, protegido pela ponta do véu negro que ela usava. Uma mulher, a lamurienta, caminhava ao seu lado com uma cesta de pétalas. Rosinah jogou-as para o alto junto com moedas que logo despertaram a cobiça das crianças, que se atiraram por baixo do caixão para apanhá-las, correndo o risco de cair no canal de irrigação ou serem pisoteadas pelo cortejo, que entoava as orações do profeta.

Dewi Ayu foi enterrada num recanto distante do cemitério, em meio aos túmulos de outros desgraçados, pois fora a decisão tomada por Kyai Jahro e o coveiro. Perto dela estava um perverso ladrão da época colonial e um assassino louco, além de alguns comunistas, agora acompanhados de uma prostituta. Acreditava-se que essas malfadadas almas seriam perturbadas por constantes testes e provocações no túmulo, de modo que era de bom alvitre mantê-las distantes das tumbas de pessoas piedosas que queriam descansar em paz, ser comidas pelos vermes e apodrecer tranquilamente, fazendo amor com ninfas celestiais sem maiores abalos.

Mal terminou a festiva cerimônia, todo mundo esqueceu Dewi Ayu. Desde aquele dia, ninguém foi visitar o túmulo, nem mesmo Rosinah e Beleza. Elas deixaram que suas ruínas fossem castigadas por tempestades marítimas, cobertas por camadas de folhas de plúmia e tomadas por capim-elefante. Só Rosinah explicava de maneira convincente por que não se preocupava com o túmulo de Dewi Ayu.

— É porque a gente só cuida dos túmulos dos mortos — disse ao horrendo bebezinho (com sua linguagem de sinais, que naturalmente o bebê não entendia).

Talvez Rosinah de fato fosse capaz de ver o futuro, modesta capacidade que lhe fora transmitida por seus sábios antepassados. Chegara à cidade 5 anos antes com seu pai, minerador de areia das montanhas, já velho e sofrendo de grave reumatismo, quando ela tinha apenas 14 anos. Os dois apareceram no quarto de Dewi Ayu no prostíbulo de Mama Kalong. Inicialmente, a prostituta não ficou minimamente interessada na menininha, nem no pai, um velho com nariz mais parecendo um bico de papagaio, cabelos encaracolados prateados, pele enrugada cor de cobre e sobretudo com aquele jeito excessivamente cauteloso de caminhar, como se até o último dos seus ossos fosse desintegrar-se, formando um montinho, se ela o empurrasse, ainda que muito de leve. Dewi Ayu imediatamente o reconheceu e disse:

— Já está viciado, velho. Fizemos amor duas noites atrás.

O homem sorriu timidamente, como um garoto encontrando a namorada, e assentiu.

— Quero morrer nos seus braços — disse. — Não tenho como pagar, mas lhe dou esta criança muda. É minha filha.

Dewi Ayu olhou para a menina sem entender nada. Rosinah estava em pé não muito longe, calma e sorrindo para ela de um jeito amigo. Na época, era muito magra, trajando um vestido bordado grande demais para ela, descalça e com os cabelos ondulados presos atrás num elástico. A pele era muito lisa, como na maioria das garotas da montanha, e ela tinha um rosto redondo simples, olhos inteligentes, um nariz achatado e lábios grandes, com os quais podia presentear todo mundo com aquele sorriso lindo. Dewi Ayu não tinha a menor ideia de como uma garota assim poderia ser-lhe útil, e se voltou novamente para o velho.

— Já tenho três filhas, que poderia fazer com esta criança? — perguntou.

— Ela sabe ler e escrever, embora não fale — respondeu o pai.

— Todas as minhas filhas sabem ler e escrever, e ainda *falam* — fez Dewi Ayu com um riso provocador. Mas o velho estava realmente decidido a dormir com ela e morrer em seus braços e lhe entregar a menina muda como pagamento. Poderia fazer com ela o que bem quisesse.

— Pode prostituí-la e ficar com o dinheiro que ela ganhar enquanto for viva — disse o velho. — E, se nenhum homem quiser ficar com ela, poderá cortá-la em pedacinhos e vender a carne no mercado.

— Não sei realmente se alguém desejaria comer a carne dela — retrucou Dewi Ayu.

O velho recusou-se a desistir, e depois de algum tempo começou a parecer uma criancinha apertada para fazer xixi. Não que Dewi Ayu não quisesse ser boazinha e proporcionar ao velho algumas horas agradáveis no seu colchão, mas estava realmente confusa com aquela estranha proposta, e não parava de levar o olhar do velho para a criança muda e vice-versa, até que finalmente a menina pediu papel e lápis e escreveu:

“Vai logo dormir com ele, a qualquer momento ele vai morrer.”

Ela então dormiu com o velho, não porque aceitasse a proposta, mas porque a criança disse que ele estava para morrer. Os dois se engalinharam na cama enquanto a menina muda esperava numa cadeira em frente à porta do quarto fechado, agarrada a uma pequena bolsa com suas roupas, que antes era carregada pelo pai. No fim das contas, Dewi Ayu não precisou de muito tempo, e reconheceu que na verdade não sentira grande coisa, só umacoceguinha nas partes.

— Foi como uma libélula arranhando o meu umbigo — disse a prostituta.

O homem a atacou ferozmente, praticamente sem perder tempo, como um batalhão de soldados holandeses se aproximando para destruir, movendo-se com liberdade e esquecendo o reumatismo. A pressa deu frutos quando ele soltou um breve gemido e o corpo se sacudiu num espasmo; inicialmente, Dewi Ayu achou que era o espasmo de um homem cuspiendo o conteúdo das bolas, mas na verdade era mais que isto — o velho também cuspira a alma. Morreu esparramado nos seus braços, com a lança ainda molhada e estendida.

Ele foi enterrado numa cerimônia íntima no mesmo recanto do cemitério onde mais tarde Dewi Ayu seria sepultada. Embora não se importasse com o túmulo da patroa, Rosinah sempre visitava o do pai no fim do mês de jejum, arrancando as ervas daninhas e rezando sem convicção. Dewi Ayu levou a menina muda para casa, não como forma de pagamento pelo triste acontecimento, mas porque ela não tinha mais um pai nem mãe ou qualquer outra pessoa que pudesse chamar de família. Pelo menos, pensava Dewi Ayu na época, podia fazer-lhe companhia, catar piolhos em seus cabelos toda tarde, e cuidar da casa quando ela fosse para o prostíbulo.

Rosinah nem de longe encontrou a casa animada que esperava, mas um lugar simples, tranquilo e silencioso. Havia paredes de cor creme que pareciam não ser pintadas havia muitos anos, espelhos empoeirados e cortinas mofadas. Até a cozinha parecia não ser usada nunca, exceto para fazer uma eventual xícara de café. Os únicos ambientes que pareciam bem-cuidados eram o banheiro, com sua

grande banheira de estilo japonês, e o quarto da dona da casa. Nos primeiros dias, Rosinah mostrou-se uma mocinha que valia a pena ter por perto. Enquanto Dewi Ayu fazia a sesta à tarde, Rosinah pintou as paredes, lavou o chão, esfregou as vidraças com serragem conseguida com um lenhador, trocou as cortinas e começou a organizar o quintal, que logo seria tomado por todos os tipos de flores. Ao despertar numa tarde, Dewi Ayu sentiu pela primeira vez em muito tempo o perfume de ervas e temperos vindo da cozinha, e as duas jantaram antes de a dona da casa ter de sair. Rosinah de modo algum ficou incomodada com aquela casa caindo aos pedaços e requerendo tanto trabalho, mas ficou intrigada com o fato de apenas as duas viverem ali. Na época, Dewi Ayu ainda não aprendera a linguagem de sinais da menina muda, de modo que Rosinah voltou a escrever.

— Você disse que tem três filhas?

— Exatamente — respondeu Dewi Ayu. — Foram embora assim que aprenderam a desabotoar braguilha de homem.

Rosinah imediatamente lembrou-se desse comentário quando, alguns anos depois, Dewi Ayu disse que não queria voltar a engravidar (apesar de já estar grávida), e que estava farta de ter filhos. Elas costumavam conversar à tarde, sentadas à porta da cozinha observando as galinhas que Rosinah começara a criar no quintal, e Dewi Ayu, como uma Sherazade, contava muitas histórias fantásticas, quase sempre envolvendo suas lindas filhas. Assim foi que desenvolveram uma amizade cheia de compreensão, de tal maneira que, quando Dewi Ayu tentou matar o bebê no próprio ventre de todas aquelas maneiras, Rosinah nada fez para impedi-la. Mesmo quando Dewi Ayu começou a dar sinais de desespero, Rosinah revelou-se uma mocinha inteligente e disse em sinais à prostituta:

— Reze para o bebê ser feio.

Dewi Ayu virou-se para ela e respondeu:

— Há muitos anos não acredito mais em orações.

— Bem, é preciso estar rezando na direção certa — retrucou Rosinah com um sorriso. — Certos deuses realmente se revelaram bem avarentos.

Dewi Ayu então resolveu experimentar. Rezava sempre que lhe vinha à cabeça; no banheiro, na cozinha, na rua, ou mesmo se um homem obeso estivesse nadando em cima dela e ela de repente se lembrasse, imediatamente dizia, quem quer que esteja ouvindo minha oração, deus ou demônio, anjo ou Gênio Iprit, faça que meu filho seja feio. Começou até a imaginar os mais variados tipos de feiuras. Pensava em demônios chifrudos, com presas como as de um javali, e como seria bom ter um bebê assim. Certo dia, viu uma tomada elétrica e imaginou assim o nariz do bebê. Também imaginou suas orelhas como cabos de panela, e sua boca como a fenda de um cofrinho de porquinho, e os cabelos parecendo a piaçava de uma vassoura. Chegou até a pular de alegria quando viu uma bosta realmente nojenta no vaso sanitário e pediu se, por favor, não podia ter um bebê assim; com a pele de um dragão-de-komodo e pernas de tartaruga. Dewi Ayu dava largas à imaginação, que se tornava mais espantosa a cada dia, e enquanto isso o bebê ia crescendo no seu útero.

O auge desse processo ocorreu na noite da sétima lua cheia da gravidez, quando, acompanhada por Rosinah, ela se banhou em água de flores. É a noite em que se faz um pedido sobre como será o bebê, desenhando seu rosto numa casca de coco. A maioria das mães desenharia o rosto de Drupadi, Shinta ou Kunti, ou o personagem *wayang* que fosse o mais belo, ou então, se quisessem um menino, desenhariam Yudistira, Arjuna ou Bima. Mas Dewi Ayu — talvez a primeira pessoa a fazê-lo em todo o mundo, e por isto até o dia de sua morte não podia ter certeza do resultado — desenhou um bebê horroroso com um pedaço de carvão. Esperava que seu bebê fosse diferente de qualquer pessoa ou coisa que jamais tivesse visto, exceto talvez um porco selvagem, ou um macaco. Desenhou então a figura de um monstro assustador como jamais vira nem veria até ter seu próprio corpo enterrado.

Até que finalmente a viu, passados aqueles 21 anos, no dia em que voltou a se levantar.

Naquele momento, o dia se transformava em noite e caía a tempestade de ciclones que indicava a mudança de estação. Os selvagens

cães *ajak* uivavam nas colinas com um ganido estridente, abafando a voz que vinha do muezim que convocava para a oração do Magrebe na mesquita, e que aparentemente não estava tendo êxito, pois as pessoas não gostavam de sair quando chovia muito no crepúsculo e ouviam o uivo dos cães, nem muito menos quando um fantasma envolto em mortalha andava pelas ruas completamente desgrenhado e choramingando.

A distância do cemitério público à sua casa não era pequena, mas os motoristas de *ojek* preferiam jogar suas motos numa vala e sair correndo o mais depressa possível para não transportar Dewi Ayu. As vans não paravam. Até as barraquinhas de comida e as lojas da rua decidiram fechar naquele dia, deixando portas e janelas bem trancadas. Não havia ninguém na rua, nem mesmo loucos e sem-tetos ninguém, exceto aquela velha que voltara do túmulo. Apenas morcegos voando a toda velocidade, de encontro à tempestade, movimentando-se no céu, e as cortinas que eventualmente se entreabriam para revelar rostos pálidos de horror.

Ela tremia de frio e também estava com fome. Algumas poucas vezes tentou bater na porta de gente que talvez ainda se lembrasse dela, mas os moradores preferiam ficar na sua, se é que já não tinham desmaiado de pavor. E assim ficou exultante ao reconhecer a distância a própria casa, ainda com a mesma aparência que tinha antes de ela ser levada ao túmulo. A cerca estava coberta de buganvílias, com crisântemos mais adiante dando uma sensação de tranquilidade sob as rajadas de chuva, e na varanda uma lâmpada irradiava uma luz acolhedora. Ela sentia uma terrível falta de Rosinah, e desejou ardentemente que um prato de comida estivesse à sua espera. A imagem a fez apressar um pouco o passo, como se costuma fazer em terminais de ônibus e estações ferroviárias, o que afrouxou a mortalha soprada pela tempestade, revelando seu corpo nu, mas ela rapidamente agarrou o morim e com ele voltou a proteger-se, como uma mocinha envolta em toalha depois do banho. Ela sentia falta de sua filha, a quarta, e esperava ver como ela era. É verdade o que se costuma dizer, que um sono profundo pode mudar o ânimo da pessoa, especialmente quando dura 21 anos.

Uma mocinha estava sentada sozinha numa cadeira na varanda, sob o halo fantasmagórico da luminária, exatamente onde Dewi Ayu e Rosinah costumavam passar a tarde catando piolhos nos cabelos uma da outra. Parecia esperar alguém. Inicialmente Dewi Ayu achou que fosse Rosinah, mas ao se postar diante dela deu-se conta de que não era uma conhecida. Quase gritou ao ver a pavorosa figura, que parecia ter sofrido graves queimaduras, e em sua cabeça uma voz maliciosa disse que ela não retornara à Terra, e na verdade estava perambulando pelo inferno. Mas ela teve a presença de espírito de rapidamente se dar conta de que o horripilante monstro não passava de uma menina infeliz; chegou até a agradecer por finalmente encontrar alguém que não saía correndo ante a visão de uma velha envolta numa mortalha aparecendo no meio de uma tempestade. Naturalmente, ainda não caíra a ficha de que era sua filha, pois ainda não percebera que haviam se passado 21 anos, de modo que, para tentar esclarecer a confusão toda, Dewi Ayu fez menção de cumprimentar a mocinha.

— Esta é a minha casa — explicou. — Como se chama?

— Beleza.

Dewi Ayu irrompeu numa risada nada educada, mas rapidamente se conteve e entendeu tudo. Sentou-se numa outra cadeira, separada por uma mesa coberta com uma toalha amarela e uma xícara de café que estava sendo usada pela garota.

— Como uma vaca que vê que sua novilha já sabe correr — disse ela, perplexa, então pedindo polidamente o café que estava na mesa, para em seguida bebê-lo. — Sou sua mãe — acrescentou, toda orgulhosa por ver que a filha era exatamente como esperava que fosse. Se a chuva não estivesse caindo, e se ela não estivesse com fome, e se a lua estivesse brilhando, ela teria adorado sair correndo e subir no telhado para comemorar dançando.

A garota não olhou para ela nem disse nada.

— O que está fazendo aqui na varanda, no meio da noite? — perguntou Dewi Ayu.

— Estou esperando meu Príncipe — respondeu finalmente a mocinha, embora nem sequer virasse a cabeça. — Para me livrar da maldição deste rosto horrível.

Ela estava obcecada com esse príncipe garboso desde que se dera conta de que as outras pessoas não eram feias como ela. Rosinah tentara levá-la à casa de vizinhos quando ainda era um bebê, mas ninguém as recebia, pois seus filhos gritariam de horror e chorariam pelo resto da tarde, e os velhos instantaneamente cairiam com febre para morrer dois dias depois. Ela era rejeitada em toda parte, o que se repetiu quando chegou o momento de ir para a escola; nenhuma delas aceitava Beleza. Rosinah tentou inclusive implorar a um diretor, que no entanto parecia mais interessado na jovem muda do que na menina horrorosa, grosseiramente acariciando-a no gabinete depois de fechada a porta. A inteligente Rosinah pensou que, quando se quer, há sempre um caminho, e, se tivesse de perder a virgindade para conseguir que Beleza fosse matriculada na escola, abriria mão dela como fosse possível. Foi assim que se viu nua naquela manhã, na cadeira giratória do gabinete do diretor, e eles fizeram sexo sob o zumbido do ventilador de teto durante 23 minutos, mas apesar de tudo Beleza no fim das contas foi impedida de se matricular, pois se frequentasse a escola as outras crianças desapareceriam.

Sem desistir, Rosinah acabou planejando ser ela própria sua professora em casa, para que ela no mínimo aprendesse a ler e contar. Mas, antes que tivesse tempo de lhe ensinar o que quer que fosse, Rosinah ficou pasma de ver que a menina já sabia contar os silvos dos lagartos. E ficou ainda mais surpresa certa tarde quando Beleza pegou uma pilha de livros deixados pela mãe e os leu em voz alta com toda a força dos pulmões, sem que ninguém lhe tivesse ensinado o alfabeto. Havia algo de errado com aqueles acontecimentos incríveis, que na verdade tinham começado anos antes, quando, para assombro de Rosinah, sem saber quem lhe havia ensinado, a menina aprendera a falar. Rosinah tentou espionar a pequena, que no entanto nunca ia além da cerca, e, por outro lado, nem uma única pessoa aparecia por ali, de modo que ela nunca encontrava ninguém, senão a criada muda, que falava com as mãos. Apesar disso, ela sabia as palavras para designar todas as coisas visíveis e invisíveis, gatos e lagartos e as galinhas e os patos que perambulavam em torno da casa.

Todos esses prodígios à parte, ela continuava sendo uma menina infeliz, feia e patética. Com frequência, Rosinah a encontrava de pé por trás da cortina na janela, espiando as pessoas que passavam na rua, ou então olhando fixamente para ela quando precisava sair para comprar algo, como se pedisse para ir junto. Naturalmente, Rosinah adoraria levá-la consigo, mas a própria menininha protestava, dizendo com sua voz patética:

— Não, é melhor não ir, senão as pessoas vão perder o apetite pelo resto da vida.

Ela poderia sair de casa nas primeiras horas da manhã, quando as pessoas ainda não tinham acordado, exceto os vendedores de legumes que iam às pressas para o mercado, os lavradores apressados para chegar aos campos, ou os pescadores loucos para chegar de volta a casa, caminhando ou passando de bicicleta, mas essas pessoas não a viam na pouca luz do alvorecer. Era a hora em que ela podia conhecer o mundo, com morcegos voltando para o ninho, pardais pousando nas amendoeiras, galinhas cacarejando alto, lagartas transformando-se em borboletas e voando para pousar em pétalas de hibiscos, gatinhos se espreguiçando em suas esteiras, os aromas que chegavam das cozinhas dos vizinhos, o ruído de máquinas sendo acionadas ao longe, o som de um sermão de rádio vindo de lugar nenhum, e, sobretudo, Vênus incandescente a leste, tudo isso desfrutado por ela do balanço pendurado no galho de uma caramboleira. Rosinah nem sabia que a luzinha que brilhava tão intensamente chamava-se Vênus, mas Beleza sabia muito bem, exatamente como passara a conhecer as maravilhas astrológicas de todas as constelações.

Assim que o dia clareava, ela desaparecia dentro de casa, como a cabeça de uma tartaruga se encolhendo ante os que a perturbam, pois sempre havia estudantes parando em frente ao portão na esperança de vê-la, olhando fixamente para a porta e as janelas com sua curiosidade. Os mais velhos já lhes haviam contado as histórias assustadoras sobre a terrível Beleza, que vivia naquela casa, pronta para lhes cortar a cabeça à menor desobediência, pronta para engoli-los vivos por qualquer choramingo: todas essas histórias não saíam de suas cabeças, mas ao

mesmo tempo aumentavam a vontade de encontrá-la e descobrir se existia de fato um fantasma tão assustador. Mas eles nunca a encontravam, pois logo aparecia Rosinah brandindo uma vassoura pelo cabo, e eles saíam correndo, gritando insultos para a jovem muda. Na verdade, não eram apenas crianças que paravam no portão na esperança de ver Beleza, pois as mulheres que passavam nos jinriquixá tipo *becak* também voltavam a cabeça por um momento, assim como as pessoas que iam para o trabalho e os pastores conduzindo o rebanho.

Mas Beleza também saía à noite, quando as crianças eram proibidas de sair de casa e os pais estavam ocupados cuidando dos filhos, encontrando-se na rua apenas os pescadores que iam para o mar, carregando remos e redes nas costas. Ela se sentava numa cadeira na varanda, na companhia de uma xícara de café. Quando Rosinah perguntava o que estava fazendo tarde da noite na varanda, Beleza respondia exatamente como respondera à mãe:

— Esperando meu Príncipe, para me livrar da maldição deste rosto horrível.

— Pobre menina — disse a mãe naquela noite, a primeira em que se encontraram. — Você devia dançar de alegria por esta bênção. Vamos entrar.

Dewi Ayu mais uma vez foi objeto da amabilidade de Rosinah, que quase imediatamente encheu de água quente a velha banheira, com direito a enxofre e pedra-pomes e sândalo e folhas de bétel, que lhe permitiram sentar-se renovada à mesa do jantar. Rosinah e Beleza ficaram boquiabertas com seu apetite voraz, como se estivesse compensando os anos e mais anos que havia passado sem comida. Ela deu cabo de dois atuns inteiros, inclusive os ossos e espinhas, mais uma tigela de sopa e dois pratos de arroz. Bebeu um caldo claro com pedaços de ninhos de pássaros boiando. Comia mais rapidamente do que as duas mulheres que a acompanhavam. Ao terminar, seu estômago gorgolejava sem parar, e, depois de emitir um som estrondoso pelo traseiro, o tipo de coisa que não dá para segurar, ela perguntou, limpando a boca com o guardanapo:

— E, então, quanto tempo fiquei morta?

— Vinte e um anos — respondeu Beleza.

— Sinto muito, foi muito tempo — lamentou ela —, mas não tem despertador no túmulo.

— Não se esqueça de levar um da próxima vez — disse Beleza, séria, acrescentando: — E não esqueça o mosquito.

Dewi Ayu ignorou as palavras de Beleza, ditas numa vozinha aguda saltitante, e prosseguiu:

— Deve ser mesmo desconcertante que eu tenha voltado depois de 21 anos, pois até aquele cabeludo que morreu na cruz só ficou morto durante três dias antes de voltar.

— E é confuso — disse Beleza. — Da próxima vez, mande um telegrama antes de aparecer.

Dewi Ayu não tinha como ignorar aquela voz. Depois de pensar um pouco, começou a sentir um tom de hostilidade nos comentários da menina. Olhou para ela, mas a horrorosa garota limitou-se a dar um sorriso, como querendo dizer que só estava lembrando que não devia agir tão imprudentemente. Dewi Ayu olhou para Rosinah, como se esperasse ajuda, mas a muda também se limitou a sorrir, aparentemente sem segundas intenções.

— De uma hora para outra, Rosinah, você já está com 40 anos. Daqui a pouco estará velha e enrugada.

Dizendo isto, Dewi Ayu riu baixinho, tentando aliviar um pouco o clima à mesa.

— Como um sapo — concordou Rosinah, em sua linguagem de sinais.

— Como um dragão-de-komodo — brincou Dewi Ayu.

As duas riram para Beleza, esperando que dissesse algo, e não precisaram esperar muito.

— Como eu — disse ela. Curta e grossa.

Durante alguns dias, Dewi Ayu, ocupada com as visitas de velhos amigos querendo ouvir histórias sobre o mundo dos mortos, conseguiu ignorar a presença do incômodo monstro em casa. Até o *kyai*,

que anos antes conduzira seu funeral com relutância, olhando para ela com o nojo de uma menininha ante minhocas, veio visitá-la com as maneiras virtuosas do fiel diante do santo, dizendo com sinceridade que seu retorno era como um milagre, que certamente não seria concedido a quem não fosse puro.

— Claro que eu sou pura — disse Dewi Ayu alegremente. — Ninguém toca em mim há 21 anos.

— Como é estar morta? — perguntou *kyai* Jahro.

— Na verdade, é bem divertido. Por isto é que as pessoas que morrem nunca optam por voltar à vida.

— Mas você voltou — ponderou o *kyai*.

— Voltei só para lhe dizer isto.

Aquilo seria realmente ótimo para o sermão do meio-dia na sexta-feira, e o *kyai* se foi com uma expressão radiante. Ele não precisava ficar embaraçado com o fato de ter visitado Dewi Ayu (muito embora tivesse gritado anos atrás que era um pecado visitar a casa daquela prostituta, e que alguém podia arder no inferno pelo simples fato de abrir o portão), pois, como disse a mulher, ela não era mais uma prostituta depois de passar 21 anos sem ser tocada por uma única criatura, e era melhor acreditar que agora e para sempre ninguém jamais desejaria voltar a tocá-la.

Quem mais sofreu com toda a confusão do retorno da velha à vida foi ninguém menos do que Beleza, que teve de se trancar em seu quarto. Felizmente, ninguém ficava mais do que alguns poucos minutos, pois os visitantes logo tinham uma aterrorizante sensação, proveniente de trás da porta fechada do quarto de Beleza. Com um estranho cheiro nauseabundo, um vento cortante, tenebroso e hostil passava por eles vindo por baixo da porta e pelo buraco da fechadura, com um frio penetrante que chegava até a medula. A maioria das pessoas nunca tinha visto Beleza, exceto quando era bebê e a parteira andara pela aldeia em busca de uma ama de leite. Mas bastava pensar nela para que os cabelinhos de suas nuca fossem em pé e seus corpos inteiros tremessem à visão da porta do monstro, quando o pavoroso cheiro trazido pelo vento chegou a seus narizes

e o som do silêncio gritou em seus ouvidos. Era nesse momento que suas bocas emitiam algumas bobagens sem sentido e, esquecendo o desejo de ouvir as coisas incríveis que Dewi Ayu teria a contar, eles rapidamente se levantavam, depois de se forçar a beber meia xícara de chá amargo, e se desculpavam, voltando para casa para contar sua história.

— Por maior que seja sua curiosidade a respeito de Dewi Ayu e a volta do túmulo — diziam a qualquer um que perguntasse sobre sua aterrorizante visita —, aconselho não entrar naquela casa.

— Por quê?

— Porque vai morrer de medo.

Quando deixou de haver visitas, Dewi Ayu começou a notar as peculiaridades de Beleza, à parte seu hábito de sentar na varanda à espera do príncipe encantado e de prever seu destino pelas estrelas. No meio da noite, ouviu barulhos de grande agitação no quarto de Beleza, o que a levou a sair da cama, caminhar no escuro e postar-se em frente à porta do seu quarto com apreensão, cada vez mais confusa com os sons emitidos pela horrenda mocinha. Ainda estava de pé ali quando Rosinah surgiu com uma lanterna, projetando o fecho de luz no rosto da patroa.

— Conheço esses sons — disse Dewi Ayu sussurrando para Rosinah —, dos quartos do prostíbulo.

Rosinah assentiu com a cabeça.

— É o som de gente fazendo sexo — prosseguiu Dewi Ayu.

Rosinah assentiu de novo.

— A questão é, com quem ela está fazendo sexo, ou melhor, quem desejaria fazer sexo com ela?

Rosinah sacudiu a cabeça. Ela não estava fazendo sexo com ninguém. Ou melhor, estava fazendo sexo com alguém, mas não seria possível saber de quem se tratava, pois não se poderia *ver* ninguém.

Dewi Ayu ficou ali espantada com a serenidade da jovem muda, o que lhe lembrou a própria época de loucura, quando a outra era a única pessoa que a entendia. As duas sentaram na cozinha naquela noite em frente ao mesmo velho fogão, esquentando um pouco de água

para uma xícara de café e esperando que fervesse. À luz apenas da chama que lambia os gravetos de cacaueteiro, os galhos de palmeira e as fibras de casca de coco, elas ficaram conversando como sempre costumavam fazer.

— Foi você que lhe ensinou? — perguntou Dewi Ayu.

— Ensinou o quê? — perguntou Rosinah, apenas fazendo mímica com a boca, sem qualquer som.

— A se masturbar.

Rosinah sacudiu a cabeça. Beleza não está se masturbando, está fazendo sexo com alguém, mas não dá para saber com quem.

— Por quê?

— Porque eu também não sei — e Rosinah sacudiu a cabeça.

Contou então a Dewi Ayu todos os acontecimentos milagrosos, o fato de Beleza ter falado ainda muito pequena sem que ninguém lhe ensinasse, de ter até começado a ler e escrever aos 6 anos e, por fim, o fato de ela própria, Rosinah, não lhe ter ensinado nada, pois a garota já sabia fazer coisas de que nem ela era capaz. Bordado aos 9 anos, costura aos 11 e, nem queira saber, ela podia cozinhar qualquer prato que se quisesse.

— Alguém deve ter-lhe ensinado — disse Dewi Ayu, confusa.

— Mas ninguém vem a esta casa — sinalizou Rosinah.

— Não me interessa como ele veio, ou como veio sem que você ou eu soubéssemos. Mas deve ter vindo e ensinado tudo a ela, até a fazer sexo.

— Sim, é verdade, ele vem e eles fazem sexo.

— Esta casa é mal-assombrada.

Rosinah nunca acreditara que a casa fosse mal-assombrada, mas Dewi Ayu tinha lá seus motivos. Mas esta era uma outra questão, e Dewi Ayu nada queria dizer a respeito dessas coisas a Rosinah, pelo menos não naquela noite. Levantou-se e tratou de voltar para a cama, esquecendo a água no fogo e a xícara de café.

Nos dias seguintes, a velha tentou espionar a horrorosa garota, para descobrir a mais lógica explicação para todos aqueles milagres, pois não queria acreditar que um fantasma fosse responsável, ainda que de fato houvesse um fantasma na casa.

Certa manhã, ela e Rosinah encontraram um ancião sentado em frente ao fogão aceso, tremendo no frio daquela hora do dia. Parecia um guerrilheiro, os cabelos apontando em todas as direções, emaranhados e presos com uma folha amarela ressecada. A impressão era reforçada pelo rosto, cavado como se passasse fome havia anos, e as roupas escuras, cheias de manchas de lama e sangue seco. Havia até uma pequena adaga pendurada na cintura, presa ao cinto de couro. Calçava sapatos como os que as forças *gurkhas* usavam durante a guerra, grandes demais para seus pés.

— Quem é você? — perguntou Dewi Ayu.

— Pode me chamar de Shodancho — disse o velho. — Estou morrendo de frio, deixe-me ficar um pouco aqui junto ao seu fogão.

Rosinah tentou avaliá-lo racionalmente. Talvez de fato tivesse comandado um pelotão *shodan* no passado, talvez tivesse participado de um batalhão em Halimunda e se rebelado contra os japoneses, em seguida refugiando-se na floresta. Talvez tivesse ficado escondido lá durante anos, sem saber que a Holanda e o Japão há muito se haviam retirado, e agora tínhamos uma república com nossa própria bandeira e nosso hino nacional. Rosinah ofereceu-lhe um café da manhã com um olhar terno e demonstrações de respeito um pouquinho exageradas.

Mas Dewi Ayu olhava para ele com certa desconfiança, perguntando-se se não seria o príncipe que a filha esperava toda noite, e se não teria sido ele que lhe ensinara a fazer sexo. Mas o homem parecia ter mais de 70 anos, e já devia ser impotente havia anos, e com isto os pensamentos desagradáveis de Dewi Ayu começaram a desaparecer. Chegou inclusive a convidá-lo a viver na casa com elas, pois ainda havia um quarto vazio, e o homem parecia ter perdido todo contato com o mundo exterior.

Shodancho, que de fato estava num lamentável estado de confusão, aceitou. Isto foi na terça-feira, três meses depois de Dewi Ayu ter voltado do outro mundo, o dia em que encontraram Beleza estendida no chão do quarto em péssimo estado. A mãe tentou ajudá-la a se levantar e, com o auxílio de Rosinah, deitou-a na cama. De repente, Shodancho apareceu por trás delas, dizendo:

— Vejam sua barriga, ela está grávida, quase três meses já.

Incrédula, Dewi Ayu olhou para Beleza com um olhar que já não deixava transparecer confusão, mas uma raiva de modo algum temperada pela ignorância, e questionou:

— Como é que foi engravidar?

— Do mesmo jeito que *você* engravidou quatro vezes — disse Beleza. — Tirei a roupa e fiz amor com um homem.